

Tão longe e tão perto daqui: a representação da paulicéia desvairada no conto de Ricardo Ramos

Prof. Dr. Aroldo José Abreu Pinto¹ (UNEMAT)

Resumo:

Parte integrante das atividades do projeto de pesquisa “Organização e disponibilização do acervo de Ricardo Ramos: segunda etapa”, financiado pelo CNPq e UNEMAT/PRPPG, o trabalho ora proposto toma como objeto de reflexão os contos “Modelo 19”, “O pífano e as árvores”, “Colagem” e “Os amantes iluminados”, de Ricardo Ramos, procurando demonstrar que o escritor alagoano, apesar das inúmeras figuras nordestinas que povoam sua obra, é um dos escritores da segunda metade do século passado que pinta com maestria certos matizes da cidade de São Paulo, projetando seu texto para um modo de representação que, muito além de suscitar uma discussão vazia sobre possíveis regionalismos em seus contos, desnuda as fragilidades humanas de tal modo que avulta, em sua produção, um retrato multifacetado de um ser humano angustiado com as questões que estruturam a convivência de um estar no mundo. O resultado dessa opção é o estilhaçamento das convenções e dos condicionamentos sociais pelo recorte preciso do fato, o que revela todo um processo de inacabamento inerente a esse ser humano e, do mesmo modo, de crítica a um sistema estabelecido. O local torna-se, assim, universal, porque deixa transparecer esteticamente certos conceitos fechados já radicados na memória de certo indivíduo, cultura ou coletividade.

Palavras-chave: Ricardo Ramos, conto, regionalismo, representação, espaço.

1 Introdução

Encetar uma série de reflexões sobre determinado texto ficcional, tendo em vista a percepção de algumas nuances de sua concepção estética, requer a compreensão – e consequente discussão – de questões que, como sabemos, vão muito além do procedimento de mensuração e/ou observação de suas fronteiras espaciais e de um discurso teórico vazio sobre os regionalismos ali presentes.

Assim sendo, nossa opção será por atentar, no âmbito estético, para um viés tortuoso e até dissociativo de determinação de um modo de representação adotado pelo escritor Ricardo Ramos e que consideramos ser marcante de sua produção. O desnudamento das fragilidades humanas, pela distribuição harmoniosa de certas imagens nas suas narrativas, causa um embate de visões que desafia a acomodação inicial comum em alguns segmentos críticos que se fixam apenas em alterações generalistas e delimitadoras com a mera identificação de lugares e cenários onde se sucederam os fatos narrados ou, ainda, o simples resgate de um *modus vivendi* característico de um povo ou região como substrato para análise.

Entendemos que o aludido escritor alagoano, muito além de tipificar personagens e locais, apesar das inúmeras figuras nordestinas que povoam sua obra, é um dos escritores da segunda metade do século passado que pinta com maestria certos matizes da cidade de São Paulo, criando contornos e resgatando imagens que avultam em sua produção um retrato multifacetado de um ser humano angustiado com as questões que estruturam a convivência de um estar no mundo. O resultado dessa opção é o estilhaçamento das

convenções e dos condicionamentos sociais pelo recorte preciso do fato, o que revela todo um processo de inacabamento inerente a esse ser humano e, do mesmo modo, de crítica a um sistema estabelecido.

Desse modo, projetando seu texto para essa forma particular de representação, deixa transparecer esteticamente certos conceitos já radicados na memória de certo indivíduo, cultura ou coletividade, mas não sem causar, se assim podemos dizer, certo desconforto diante aos fatos descritos. O resultado, por conseguinte, é uma sensação de privação do conhecimento e da informação ali contida, o que obriga o leitor a reconsiderar a relação inteligível estabelecida entre uma pluralidade de elementos narrados em contraste com seu conhecimento de mundo. A reorganização dessas estruturas pelo leitor também o impele a afrontar valores que definitivamente não se submetem ou se adéquam a estudos apenas descritivos e historiográficos de determinado objeto. É por isso que buscamos, no presente estudo, dar conta de como Ricardo Ramos nos leva a encarar de maneira diversa um fato representado.

Para atingir tal fim, tomamos como objeto de reflexão a representação da paulicéia desvairada nos contos “Modelo 19”, publicado em **Circuito Fechado** (São Paulo: Martins, 1972; 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1978; 3.ed. São Paulo: Globo, 2012), “O pífano e as árvores”, publicado em **Toada para surdos** (Rio de Janeiro: Record, 1977; 2.ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1983; 3.ed. 1987), e “Colagem” e “Os amantes iluminados”, publicados em **Os amantes iluminados** (Rio de Janeiro: Rocco, 1988; 2.ed. 2001), porque acreditamos serem representativos dessa concepção de mundo presente nos demais textos ficcionais curtos do escritor¹.

Também cabe reforçar, inicialmente, que a expressão "paulicéia desvairada" está sendo aqui utilizada de forma alusiva à obra **Paulicéia Desvairada**, publicada em 1922 por Mário de Andrade, que revela criticamente, em seu prefácio, várias facetas da cidade de São Paulo. Ainda hoje a expressão é utilizada como sinônimo do ritmo conturbado e acelerado dos habitantes daquela metrópole, revelando um tipo de aglomeração urbana "coisificada" pelas relações de mercado e comum após a Revolução Industrial. Portanto, a expressão aqui será tomada como representativa dessa visão arraigada que ainda permanece sobre aquele grande centro e que nos parece ser bastante pertinente para a compreensão das características que permeiam a descrições dos espaços nos contos de Ricardo Ramos.

2 A representação da paulicéia desvairada no conto de Ricardo Ramos

Ainda podemos falar em regionalismos brasileiros? No caso de Ricardo Ramos, certamente não. Poderíamos então inseri-lo dentro de uma discussão sobre um regionalismo paulista e urbano? A princípio, alguns mais desavisados ou ainda defensores de uma vertente crítica já superada talvez digam que sim pelo fato do autor trazer algumas peculiaridades locais em seus textos ficcionais. Porém, esta não será a nossa opção neste apanhado de reflexões, pois dirigimos nossa atenção para como se dá a superação de alguns limites de representação, afim de vislumbrar um ambiente capaz de potencializar certo labor artístico.

Independente de se tratar de elementos característicos de certa região, como as

¹ Devido a necessidade de condensar as discussões em função do limite de páginas estabelecido para os Anais do evento, nos debruçamos, neste breve relato, apenas no conto "Modelo 19". O texto completo será publicado brevemente como capítulo de livro ou em Revista da área de Letras.

tradições locais, as crenças e os modismos presentes numa dada comunidade rural ou urbana, é preciso dar conta de como a literatura humaniza em sentido profundo porque nos faz viver as sensações ali presentes, conforme aponta Antonio Candido em seu texto "A literatura e a formação do homem", publicada em 1972 na Revista *Ciência e Cultura*. De acordo com o crítico, uma construção formal artística "significa um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado". Esta autonomia, porém, "não a desliga das suas fontes de inspiração no real nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele" (CANDIDO, 1972, p.806). Assim sendo, a humanização de que nos fala Candido diz respeito ao

[...] processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995, p. 249).

Ricardo Ramos leva o leitor a percorrer espaços e ambientes e enxergar suas personagens e o mundo que as cerca com um olhar em processo, ou seja, a sequência de fatos narrados descortina elementos que se liquefazem aos olhos do leitor em vez de se fecharem em cenas acabadas do humano. O resultado é a descoberta de aspectos movediços e cambiantes deste mundo representado, restaurando uma consciência ampla dos anseios humanos mais intensos e escondidos, desconhecidos ou ignorados que formam a essência de nossas sensações mais particulares, de nossas lembranças, medos e aspirações em sociedade; sentimentos que as personagens, verossimilmente concebidas, parecem não perceber até estarem diante de espaços e ambientes que raramente atentaram antes. Isso transposto ao leitor, possibilita uma ininterrupta evasão para um mundo aparente e insensível. (apud BOSI, 2003, p.31).

Atentemos, por exemplo, para o conto "Modelo 19". O conto inicia na forma de uma declaração com uma afirmação marcada pela primeira pessoa do singular e com o nome da personagem em letras maiúsculas: "Eu, IRINEU DE PAULA E SILVA, nortista, gaúcho, mineiro, me declaro paulista para o que der e vier" (RAMOS, 2012, p.99). Aqui já se revela toda uma visão de mundo que perpassará a narrativa, pois temos um narrador que se apresenta como um "eu", mas que, em seguida, posiciona-se como um "nós" ou vice-versa: "O Irineu é sonso e devoto, de Coité, mas chamado baiano" (...). O de Paula deixou raízes na serra, foi de Caxias e vinho e frio, (...). E Silva é de Minas, calado e pessedista [...] (RAMOS, 2012, p.99).

Observe-se que entre o plano do enunciado e o plano da enunciação há uma lacuna que precisa ser preenchida pelo leitor, causando certo estranhamento, pois há um tensão entre o individual e o coletivo, numa estratégia construída com a finalidade que parece ser justamente a de chamar a atenção deste leitor para a pluralidade de indivíduos que compõem determinado espaço como a cidade de São Paulo e como se mesclam as diferentes visões desses habitantes de determinada região.

As fronteiras entre as regiões se liquefazem na narrativa por meio de uma peculiaridade de estilo que possibilita que haja um contato mais próximo com os fatos representados, ou seja, pelos recursos utilizados, o narrador dilui os contornos entre o particular e o geral, anulando, por conseguinte, qualquer disposição inicial de só considerar os interesses, características ou minudências de um certo local como a língua local, as

atitudes, o estilo e as tradições regionais.

Nós três aportamos aqui por nossos próprios caminhos. Eu no cais de Santos de todos os nordestinos, vendo os antigos navios iluminados; eu na Rodoviária tão provinciana, perdendo minha mala no meio do povo que saía e chegava; eu na Estação Roosevelt, deixando a cabina refrigerada e o pesadelo que me embalara pelos trilhos. Nós três nos juntamos e nunca mais abandonamos a cidade. Um chegou de mãos abanando, outro remediado, o terceiro até que bem. Hoje, quase não lembramos. (RAMOS, 2012, pp. 99-100)

O próprio título do conto também revela uma imagem bastante significativa desse processo de reificação que o homem contemporâneo, ainda que a contragosto, tem experimentado nas sociedades capitalistas. É como se nas metrópoles, o homem se tornasse um modelo, um padrão suscetível de ser traduzido em simulacros ou elementos análogos. O "Eu" que também é um "Nós" perde a sua própria subjetividade e, portanto, uma vez que se perderam esses contornos, perdem-se também os limites regionais que poderiam ser reproduzidos. Em contrapartida, o humano ganha força de representação porque denuncia e critica o caráter inanimado, quantitativo e automático que o ser adquire em determinado espaço: "Eu sei o que sou, nem tanto o que fui, apesar de não ter esquecido. Talvez porque tudo nos tenha surgido como um grande imprevisto" (RAMOS, 2012, p.100).

O estado de coisas descrito no conto de Ricardo Ramos é feito de maneira direta; poderíamos dizer até mesmo seca. A paulicéia desvairada se entrega pelos vocábulos cuidadosamente selecionados por Ricardo Ramos, mas nem de longe, como vimos, podemos rotulá-la como regional.

A cidade e suas referências, tamanho, indústria, ecos de poesia, a história dos vagões vazios puxados, o ABC um cinturão fumacento, rosas e arlequinal, ela como destino, fim de viagem, a fábrica, o viaduto, povo, imigrantes visíveis, o Anhangabaú uma arena com passadiços, o verde muito por baixo do cinzento, bairros que se ajardinam quietos ou sempre escalonados irrompem alegres, frio com animação, pelas ruas do centro a pressa, o ar mais pesado, os sons mais graves, e bondes, e garoa, e sombra, uma difusa presença do interior na voz das pessoas, febre e calma, os restos de uma vila normanda à noite entre edifícios, música italiana saindo de um bar perto, mulheres brancas brancas, bandeiras listadas, salão literário, salão de chá, antigas comemorações, um jeito de dizer São Paulo a cada instante como coisa remota ou geral, o painel múltiplo, colorido, jogo chinês, se armando, em curso, esse orgulho civilizado e discursivo, muito de ordenado, de acampamento, supermercado e feira, chão nu, andaimes aparecendo, o velho e o novo, um ritmo ágil, descompassado. (RAMOS, 2012, p.100)

Note-se a força de representação em que se destaca o elemento criativo pelas imagens suscitadas a cada expressão. Muito mais do que se prender a uma região, o texto ficcional atinge a um âmbito de representação que não se adequa aos enquadramentos restritivos de uma vertente da crítica historiográfica.

3 Tão longe e tão perto daqui: considerações finais

Poderíamos dizer, enfim, que há, por assim dizer, um arguto modo de representação do espaço nos contos de Ricardo Ramos, mas essa construção espontaneamente verificável

em seus textos possui uma função: trata-se de uma imagem que corrobora para a concepção do caráter estético pleno da produção, como podemos perceber no desfecho de "Modelo 19".

Com a idade, azedei um pouco, mais amargo. É possível que veja muito na cidade o seu perfil duro, e seco, e frio. Mas posso falar, eu que sou daqui. E vejo também de onde ela veio, aonde está se alastrando, nesta encruzilhada. Tão no meu fim de mundo. A verdade é que um dia, foi de noite, reparei que estava voltando para casa. (RAMOS, 2012, p.101)

Todo um processo cíclico inerente ao ser humano se apresenta nesse final. No entanto, muito além de rematar algo, o texto se abre para novas percepções e o não-dito, mas possível de se apreender a partir das imagens provocadas, eleva sua força de representação.

Referências Bibliográficas

- 1] BOSI, Alfredo. Entrevista a Rinaldo Gama: Poesia como resposta à opressão. In: **Revista FAPESP**, ed. 87. São Paulo, maio de 2003.
- 2] CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**. 24 (9): 803-809, set, 72.
- 3] _____. O direito a literatura; O esquema de machado de Assis. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- 4] RAMOS, Ricardo. **Circuito Fechado**. 3.ed. São Paulo: Globo, 2012.

Anexo: Conto "MODELO 19"

Eu, IRINEU DE PAULA E SILVA, nortista, gaúcho, mineiro, me declaro paulista para o que der e vier. O Irineu é sonso e devoto, de Coité, mas chamado baiano, já tem a seu crédito uns edifícios por aí, tijolo a tijolo, umas feijoadas às quartas e aos sábados com cerveja Caracu, e vez por outra uma criada sobre os tacos que ele mesmo plantou e nivelou, escura mas arejada com desodorante, cheirosa ao som do rádio de pilha, quando ele pensa que economiza e um dia volta, mas vai ficando. O de Paula deixou raízes na serra, foi de Caxias e vinho e frio, desde menino pensou em vender, para isso foi feito, e foi crescendo, e falando, e sorrindo, alto, alegre, aligeirado, o lado bom espontâneo que transita e simples continua, toma lá dá cá, e permanece, tal qual uma cerca ao longe cortando a paisagem verde e rasa, mas que afinal não se compra. E Silva é de Minas, calado e pessedista, uma confusa mistura de doce em calda e talento para guardar, zona da mata, de silêncio, estações de água e de Rio, a política, os livros, o horizonte ali perto que vai fugindo, mudando, ouvir e não dizer o exercício, a vice-presidência, o discurso a contrapelo do que não for retórica. Nós três aportamos aqui por nossos próprios caminhos. Eu no cais de Santos de todos os nordestinos, vendo os antigos navios iluminados; eu na Rodoviária tão provinciana, perdendo minha mala no meio do povo que saía e chegava; eu na Estação Roosevelt, deixando a cabina refrigerada e o pesadelo que me embalara pelos trilhos. Nós três nos juntamos e nunca mais abandonamos a cidade. Um chegou de mãos abanando, outro remediado, o terceiro até que bem. Hoje, quase não lembramos. Eu sei o que sou, nem tanto o que

fui, apesar de não ter esquecido. Talvez porque tudo nos tenha surgido como um grande imprevisto. A cidade e suas referências, tamanho, indústria, ecos de poesia, a história dos vagões vazios puxados, o ABC um cinturão fumacento, rosas e arlequinal, ela como destino, fim de viagem, a fábrica, o viaduto, povo, imigrantes visíveis, o Anhangabaú uma arena com passadiços, o verde muito por baixo do cinzento, bairros que se ajardinam quietos ou sempre escalonados irrompem alegres, frio com animação, pelas ruas do centro a pressa, o ar mais pesado, os sons mais graves, e bondes, e garoa, e sombra, uma difusa presença do interior na voz das pessoas, febre e calma, os restos de uma vila normanda à noite entre edifícios, música italiana saindo de um bar perto, mulheres brancas brancas, bandeiras listadas, salão literário, salão de chá, antigas comemorações, um jeito de dizer São Paulo a cada instante como coisa remota ou geral, o painel múltiplo, colorido, jogo chinês, se armando, em curso, esse orgulho civilizado e discursivo, muito de ordenado, de acampamento, supermercado e feira, chão nu, andaimes aparecendo, o velho e o novo, um ritmo ágil, descompassado. A ideia que nos ficou daqueles dias, vividos em trânsito, é a de uma acelerada mistura Olhada com certo prazer, com algum espanto. E no meio das surpresas, sem dúvida a maior de todas, a revelação do tempo corrido. Porque tínhamos ficado. Mudança é assim. Um acordo, o costume, viver afinal. Os meses, os anos. O tempo corrido, sim, como duração das coisas. O tempo que Irineu vejo na folhinha, de Paula no ordenado com as comissões, e Silva que o sinto parar passando. Nós aprendemos a contá-lo coras as estações, porque as guardamos na pele, nos cabelos, dentro dos olhos. E tivemos filhos, que aprenderam canções e nos amaciaram o sotaque. E adotamos lugares, fomos por eles adotados, e plantamos amizades, e fizemos lembranças, esses materiais de permanência. Aqui e agora, de São Paulo. Um já foi nortista, o segundo veio do Sul, o outro era do interior. Nacionalmente arrolados. Passada a fase das cerimônias, a delicadeza nos deixou e nos fizemos críticos, afetuosos mas falando mal. Só que para os íntimos. Com a idade, azedei um pouco, mais amargo. É possível que veja muito na cidade o seu perfil duro, e seco, e frio. Mas posso falar, eu que sou daqui. E vejo também de onde ela veio, aonde está se alastrando, nesta encruzilhada. Tão no meu fim de mundo. A verdade é que um dia, foi de noite, reparei que estava voltando para casa.

i **Prof. Dr. Aroldo José Abreu Pinto**. E-mail: aroldoabreu@uol.com.br
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Departamento de Letras, Campus Regional de Alto Araguaia.